

Saúde em crise no DF

Mau atendimento nos hospitais públicos é principal foco das promessas eleitorais

ALESSANDRA FLACH,
BÁDO SOUSA E
EDUARDO CUNHA

O Distrito Federal já foi referência nacional na área de Saúde. Praticamente 90% das ações e serviços eram oferecidos, com qualidade, pelo sistema público. Atendimento emergencial, transplantes, tratamentos de doenças crônicas eram tidos como exemplo para todo País. Atualmente, porém, a situação do setor está muito mais distante desses bons tempos. A rede pública de saúde é considerada hoje um dos problemas mais sérios da capital federal.

Em péssimas condições de atendimento, as unidades apresentam aparelhos sucateados, escassez de médicos, falta de medicamentos. Os pacientes precisam enfrentar filas quilométricas para realizar exames, cirurgias ou mesmo marcar uma consulta. Os 14 hospitais, 61 centros de saúde, dez postos de saúde urbanos, 23 rurais e três unidades mistas, contam com apenas 3.787 médicos para atender a toda a população do DF e Entorno – cerca de 3 milhões de pessoas. Para piorar a situação, o setor foi alvo também



Joanilza Kátia espera desde fevereiro por exame para o filho

de esquemas de fraude e corrupção, como apontou recente Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara Legislativa, que investigou (e comprovou) irregularidades na gestão da Secretaria de Saúde.

Única unidade da federação que conta com recursos do governo federal – mais de R\$ 1 bilhão anuais, repassados por meio do Fundo Constitucional para custear a folha de pessoal da Saúde

–, o DF conta também com o Fundo de Saúde, que destina, mensalmente, recursos para serviços prestados pelo SUS. Ainda assim, a situação está a cada dia mais caótica.

Joanilza Kátia dos Santos é um exemplo do problema. Desde fevereiro ela espera um eletroencefalograma para o filho de 10 anos no Hospital do Gama. “O neurologista pediu dois exames, foram marcados, mas estão no

livro de espera. Não tem nem data para acontecer”, explica, revelando que chegou a ficar mais de seis horas na fila de espera para atendimento no pronto-socorro da unidade. “Esses dias eu cheguei aqui às 13h e fui embora às 19h30 sem atendimento”, reclamou.

Com a chegada do período eleitoral, os problemas da Saúde tornam-se o alvo preferido de promessas dos candidatos ao Governo do Distrito Federal. Vale prometer céu e terra para melhorar o sistema. De maneira geral, Arlete Sampaio (PT), José Roberto Arruda (PFL), Maria de Lourdes Abadia (PSDB) e Toninho (PSOL) têm propostas parecidas para resolver a situação do setor. Informatização do atendimento, construção de novos hospitais, ampliação do horário de atendimento nos postos, maior distribuição de medicamentos, implantação do programa Saúde em Casa, melhorias no Família Saudável, contratação de pessoal estão entre as promessas alardeadas pelos candidatos.

A população, no entanto, acredita que a Saúde ficará apenas na promessa. “Promessas já vêm de muito tempo. Depois que ganham a eleição, todos eles somem. O paciente sente dor e ninguém quer nem saber”, criticou o morador do P. Sul Pedro Januário, 63 anos, que aguardava há horas por atendimento na fila do Hospital Regional da Ceilândia.

Brasília reclama



“Pode juntar todos os planos de governo, colocar em um saco, que não muda nada. É um terror, um descaso com o ser humano”.
Ireneide Pereira de Sousa
31 anos, Recanto das Emas



“Se a gente chegar aqui morrendo, morre. Cheguei aqui meio-dia e não fui atendida ainda (17h30). Não acredito que mude”.
Cleusa Maria da Silva
57 anos, Jardim Ingá (GO)



“Os políticos prometem até ressuscitar mortos. Mas está cada vez pior, não dá para acreditar”.
Raimundo Gomes Apoliano
62 anos, Samambaia



“Meu irmão está com o braço sangrando e não foi atendido. Os caras prometem, mas não fazem”.
Paulo Henrique Borges de Souza
19 anos, Samambaia



“Tem apenas um médico aí. Terei que voltar porque não serei atendida hoje. Espero que mude”.
Joselina dos Santos, 53 anos, Santa Rita de Cássia (BA)